

Arquitectos e engenheiros á beira de uma crise de nervos, Jornal O Público,
14/071995

Arquitectos e engenheiros à beira de uma crise de nervos

"No limiar do século XXI não é aceitavel que voltem a surgir zonas urbanas descaracterizadas, massificadas e sem qualidade" pode ler-se no preâmbulo do projecto de Diploma que estabelece os princípios relativos à definição das qualificações oficiais a exigir aos autores de planos de urbanização, de planos de pormenor e de projectos de loteamento preparado pela Secretaria de Estado da Administração Local e do Ordenamento do Território e que reconhece a necessidade de desenvolver no país uma verdadeira prática urbanística.

Finalmente reconhece-se o papel fundamental e responsável dos profissionais especializados em urbanismo, ou seja dos URBANISTAS.

Sobre esta importante iniciativa nada temos a discordar, pois traduz justificadas e fundamentadas preocupações sobre as quais é bom e necessário, reflectir, agir e legislar.

As nossas preocupações vêm do facto (sem surpresa) da Ordem dos Engenheiros da Ordem/Associação dos Arquitectos Portugueses e da Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas terem de imediato protestado contra tal acto de bom senso da SEALOT, invocando falaciosamente que os seus associados receberam preparação específica para acederem às actividades do foro urbanístico. Arrogam-se mesmo a pretensão de integrar os licenciados em URBANISMO como se para tal tivessem a mais elementar competencia agindo evidentemente à revelia do trabalho desenvolvido nestes últimos anos pela Sociedade Portuguesa de Urbanistas.

As nossas preocupações vêm igualmente do facto da revisão estatutária da AAP contemplar "a actualização da definição do domínio da Arquitectura, e actos próprios da profissão, ampliando e admitindo a especialização do nosso campo profissional, nomeadamente no campo do urbanismo".

Ora o campo do urbanismo não resulta nem se resume a uma qualquer actualização da definição do domínio da Arquitectura mas é sim fruto de uma reflexão e de uma prática com alguns milhares de anos.

O Urbanista é um profissional apto a conceber e conduzir operações de planeamento urbano. Define, estuda e projecta a estrutura (criação,

recuperação, desenvolvimento) dos aglomerados urbanos, de acordo e em particular com as condicionantes históricas, sociológicas, patrimoniais, ecogeográficas, políticas, económicas e técnicas. Intervém na gestão urbana, na investigação e no ensino do urbanismo.

A formação académica adequada para o exercício do urbanismo é evidentemente a graduação (Licenciatura) em URBANISMO, podendo ser seguida pela Pós graduação (Mestrado) em URBANISMO, e pelo Doutoramento também em URBANISMO.

O Urbanismo é actualmente uma área científica perfeitamente identificada, que é ensinada nas principais Universidades e Institutos de Urbanismo em particular de todos os países da Comunidade Europeia.

Entre nós, o urbanismo, não estando totalmente ausente do vocabulário corrente é no entanto utilizado na maior parte das vezes de forma redutora. Geralmente é aquilo que resulta/produz a urbanização, sendo a urbanização a expressão lusitana do acto de construir um ou mais prédios e seus logradouros, num mesmo empreendimento. Neste caso é de bom tom denominar essas urbanizações, de "Quinta de isto ou daquilo". Também se fala de Urbanismo para designar "loteamento" ou "conjunto de arruamentos".

Enfim, a palavra "urbanismo" é tantas vezes apenas um meio e um alibi para favorecer a especulação fundiária.

Hoje em dia, certo é, que o urbanismo é entendido no essencial nos limites do construir obras de arquitectura e engenharia e raramente como um dos aspectos da realização de um projecto de sociedade.

O habitar é privado e o exterior é algo para onde se olha quando se vai à varanda, entretanto fechada com uma marquise em alumínio.

O ordenamento do espaço urbano, (diferente do ordenamento do território) está entre nós sem exagero dissociado do habitar.

Não havendo uma ideia dominante de que a casa e o meio são domínio entrelaçados, sem hierarquia, cabe aos fabricantes de casas, fabricar o espaço urbano!!!

Ora o saber da construção civil não cobre o saber do ordenamento e da criação do espaço urbano.

De fora fica sim a própria sociedade com as suas aspirações.

De fora fica uma concepção escolhida do mundo onde queremos viver.

Estamos num tempo onde se reduz o entendimento do espaço urbano às suas expressões mais elementares.

A ciência do urbanismo é pois para grandes sectores da sociedade portuguesa e para algumas associações profissionais uma ciência desnecessária,

- 1 - porque se desconhece em geral
- 2 - porque se desconhece a utilidade
- 3 - porque se desconhecem as suas potencialidades
- 4 - porque há que preservar privilégios bolorentos.

Em 1995 é difícil ser-se realista sem ter de apresentar um panorama deprimente do acto urbanístico em Portugal.

O caos urbanístico do país, imputável em parte à incapacidade de autarquias e CCR's que o aprovaram e licenciaram, tem também que ser entendido e relacionado como uma incapacidade técnico/profissional de projectistas que com cobertura das suas associações de classe e à revelia da mais elementar consciência profissional, assumem tarefas para as quais não tiveram formação superior académica específica.

Basta olhar para os curricula dos diferentes cursos de Arquitectura e Engenharia Civil das nossas Universidades para ver sem qualquer dúvida, que o urbanismo esteve ausente das preocupações dos Conselhos Científicos que os adoptaram.

As variantes ou cadeiras próximas do planeamento urbanístico, criadas fora de um quadro verdadeiramente pluri-multi-transdisciplinar, traduzem apenas e na verdade uma incompreensão, por parte desses Conselhos Científicos, do lugar do urbanismo na sociedade contemporânea. Desconhecem a vastidão dos conhecimentos exigidos (disciplinas, metodologias, técnicas...) a montante e a jusante da decisão urbanística, aliados aos saberes específicos do próprio urbanismo.

Num país onde não se aprende a conhecer a reflectir e a criar uma economia política do espaço urbano do presente, como será possível reflectir e projectar o futuro?.

E no entanto todos os dias continua a proliferação de uma construção civil enlouquecida, na qual fica de fora o conhecimento urbanístico, onde a dimensão social e qualitativa do espaço urbano se limita às visões redutoras da Geografia, do Planeamento regional e local, da Demografia, da Arquitectura e da Engenharia Civil.

Tudo isto nos leva a analisar o papel da Ordem dos Arquitectos (desde há dias) e da Ordem dos Engenheiros, que alheios à fragilidade da formação dada nas nossas instituições de Ensino no domínio do Urbanismo (trata-se por

certo de Cursos de Arquitectura e de Engenharia), defendem que os seus associados pratiquem actos para os quais não tiveram a Formação Superior adequada e necessária.

É certo que não podemos alterar radicalmente esta situação de um dia para o outro, mas **o que nos parece é que as pessoas preocupadas com o caos urbanístico em Portugal, devem usar as suas forças para corrigir esta situação e não para se oporem às mudanças que o mais elementar bom senso exige.**

No fundo o que pretendemos defender é o princípio que cada um deve actuar na sua especialidade e na mais ampla pluri-multi-transdisciplinaridade: a arquitectura aos arquitectos, a engenharia aos engenheiros e o urbanismo aos urbanistas, se pretendemos combater o caos urbanístico vigente do Minho o Algarve e contribuir para o desenvolvimento deste tão mal amado país.

* Prof. Doutor Mário Canova Moutinho - Presidente do Conselho Científico da Licenciatura em Urbanismo - Port. 1124/91 do ME do ISMAG-Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias.